

Presença do *Black English Vernacular* na Literatura Afro-Americana

Laura de Almeida

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, Brasil
prismaxe@gmail.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i2.1712>

Resumo

A presente pesquisa discute os aspectos sociolinguísticos do *Black English Vernacular* presentes na Literatura Africana de Língua Inglesa. Analisamos a variação linguística na língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa. A pesquisa está embasada nos estudos sociolinguísticos de Labov (1972) sobre a variante linguística do *Black English Vernacular* e nos estudos culturais de Hall (2002) e Bhabha (2007). Foram selecionadas algumas obras literárias a fim de identificarmos a variante linguística do *Black English Vernacular*. Os resultados apurados apontam para uma necessidade no estudo dessa variante a fim de contribuirmos para a ampliação da área da Sociolinguística na literatura afro-americana.

Palavras-chave: tradução literária; variação linguística; sociolinguística e tradução; *Black English Vernacular*.

Presence of Black English Vernacular in Afro-American Literature

Abstract

This research discusses the sociolinguistic aspects of Black English Vernacular present in African-American literature written in English Language. We analyzed the linguistic variation written in English Language and its translation into Portuguese language. We based our work on Labov's sociolinguistic studies (1972) about the Black English Vernacular linguistic variation and on the cultural studies of Hall (2002) and Bhabha's (2007). Some literary works were selected in order to identify the Black English Vernacular linguistic variation. The results pointed to a need for studying these variations so that we can contribute to the enlargement of the sociolinguistic field in the study of Afro-American literature.

Keywords: literature translation; linguistic variation; translation and sociolinguistics; Black English Vernacular.

Introdução

Partimos do pressuposto de que, por muitas vezes, as traduções de obras clássicas escritas originalmente em língua inglesa e que apresentem falas dialetais dos personagens são traduzidas utilizando a forma padrão da língua portuguesa ao invés de optar por alguma variação linguística mais condizente com a fala dialetal.

Com base nessa premissa, inicialmente, abordamos os estudos de norma culta, das falas dialetais e da norma padrão que são muito explorados por teóricos que buscam uma pedagogia em que a variação linguística esteja presente no ensino da língua portuguesa. No entanto, o foco aqui é verificar como estas falas dialetais são retratadas na tradução, o que não é muito estudado sob este prisma da variação linguística.

Dessa forma, nossa proposta é contribuir para a investigação neste campo de modo a aprofundar os estudos que, com base em pesquisas, têm sido pouco realizados. Ao compararmos algumas obras como *As aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain, em seu original em inglês e sua respectiva tradução, feita por Monteiro Lobato para a língua portuguesa, *As aventuras de Huck*, percebemos que alguns aspectos não são considerados, entre eles, a variação linguística de alguns personagens. Contudo, o apagamento dessas falas pode comprometer a compreensão das diferenças entre o modo de falar dos personagens. Além disso, tal postura revela o preconceito linguístico que desconsidera todo o contexto social, político e histórico de um povo. Passando, assim, uma visão equivocada de unidade de língua.

Visando contribuir para os estudos linguísticos e tradutórios, temos por objetivo geral analisar a tradução dialetal em obras da Literatura Inglesa para a língua portuguesa. Já os objetivos específicos visam:

- Selecionar um personagem do livro proposto;
- Identificar trechos em que as falas do *Black English Vernacular* (BEV) ou outra variante dialetal apareçam;
- Promover uma análise contrastiva com o original, verificando as escolhas do tradutor;
- Apontar os efeitos que o emprego da linguagem padrão produziu nessas traduções.

No próximo item, apresentamos a fundamentação teórica adotada e os autores que colaboraram para a formação do arcabouço teórico da presente pesquisa.

Fundamentação teórica

Esta pesquisa discute a tradução para a língua portuguesa de algumas obras da Literatura Anglófona, por meio do estudo sociolinguístico, em especial, da variação linguística. A fim de realizar o que almejamos, temos por fio condutor o seguinte questionamento: como o apagamento da ocorrência do *Black English Vernacular* (BEV) na tradução para a língua portuguesa pode influenciar a questão identitária da língua?

Nessa perspectiva, nossa proposta é analisar a questão da variação linguística, na língua inglesa, e sua tradução para a língua portuguesa. Em nosso trabalho, propomos um estudo mais apurado da variante supracitada, mostrando suas características e diferenças em relação ao inglês padrão.

Primeiramente, partimos do estudo da norma padrão na língua portuguesa para depois analisarmos as variantes linguísticas na língua inglesa. Dentre os estudos sobre norma padrão, destacamos o realizado por Faraco (2015, p. 25) que em relação à nossa realidade sociolinguística, ressalta que:

Além desses conflitos no âmbito da expressão culta, a nossa realidade sociolinguística tem outra peculiaridade, ou seja, uma pesada divisão entre, de um lado, o conjunto das variedades que constituem o chamado português culto (variedades típicas e tradicionalmente urbanas, próprias dos segmentos sociais melhor situados na pirâmide econômica e, portanto, com acesso histórico pelo menos à educação básica completa e aos bens da cultura letrada); e, de outro, o conjunto das variedades que constituem o

chamado português popular (variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada).

Com base na citação acima, podemos depreender a existência do chamado português culto e do português popular, ambos constituídos por variedades diversas e peculiares que ele relaciona com a posição de segmentos sociais ocupada na pirâmide econômica de melhor e baixa renda.

Em relação à negação das variedades linguísticas, remetemo-nos à Bagno (2007, p. 18) que atenta para a necessidade de abandonar esse mito da “unidade” do português no Brasil e reconhecer a verdadeira diversidade linguística a fim de planejar suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

Após uma breve introdução às variedades na língua portuguesa, partimos para o estudo das variedades na língua inglesa. A fundamentação teórica está, predominantemente, embasada nos estudos sociolinguísticos de Labov (1972) sobre a variante linguística *Black English Vernacular* (BEV) e o contraste com o inglês padrão. Contudo, outros estudos sobre o BEV serão considerados em nossa pesquisa, como o de Tarallo (1986, p. 12) que contrapõe as variantes consideradas padrão, que gozam do prestígio sociolinguístico na comunidade, com a não padrão, uma vez que “As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade”.

Com respeito à variação linguística, relacionamos com o que Hall (2002) afirma sobre a identidade cultural e sua mudança de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado. A identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*.

Outro aspecto levantado pelo autor é a analogia que existe entre língua e identidade: “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa, também, ativar a imensa gama de significados que já estão nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional embutido em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2002, p. 40).

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (HALL, 2002, p. 49-50).

Na citação acima, Hall salienta a existência de uma língua vernacular como meio dominante de comunicação, o que reforça a ideia anterior sobre escolha do uso da norma padrão.

Contudo, concordamos com Bhabha (2007, p. 230), quando diz que muitas vezes alguns aspectos da língua são intraduzíveis, pois, segundo o autor, “a linguagem da tradução envolve seu conteúdo como um manto real de amplas dobras e, portanto,

continua inadequada para seu conteúdo, dominante e estrangeiro”. Ele ainda menciona uma perda de identidade que nós relacionamos quando o tradutor deixa de traduzir determinadas marcas culturais, no caso, da variação linguística:

A identificação cultural é então mantida à beira do que Kristeva chama de ‘perda de identidade’ ou que Fanon descreve como uma profunda ‘indecidibilidade’ cultural. O povo como uma forma de interpelação emerge do abismo da enunciação onde o sujeito se divide, o significante ‘desaparece gradualmente’ e o pedagógico e o performático são articulados de forma agonística. (BHABHA, 2007, p. 217).

Em nossas buscas sobre pesquisas no ramo da tradução e sociolinguística, não encontramos muitas fontes. Dentre os estudos existentes, baseamos em Lavoie (1994), Sarian (2008) e Marins e Wielewiski (2009). Lavoie discute, em seu artigo, aspectos sobre a tradução dialetal e ressalta, primeiramente, a inserção do inglês falado pelos negros americanos e, em segundo lugar, a função social exercida por tal variante linguística na obra *As aventuras de Huck*.

A respeito dessa problemática, Milton (1994) analisou a tradução de algumas obras literárias, consideradas “clássicas”, do inglês para o português do Brasil, durante o período de 1930 e 1970, e detectou que a maioria das obras traduzidas mostra poucas tentativas em reproduzir os elementos estilísticos do original.

Os elementos estilísticos do original são raramente respeitados: as traduções são explicativas e esclarecedoras. Muitas vezes, a pontuação é acrescentada; detalhes específicos e verbos tornam-se mais gerais; palavras e expressões-chave são variadas em nome do “bom estilo”. Em geral, as traduções não se interessam por invenções estilísticas. E, provavelmente, a proibição, mais forte, seja a da não aceitação de linguagem de baixo padrão. Este último aspecto pode ser observado nos exemplos reproduzidos a seguir de duas traduções de *Huckleberry Finn*, ambas feitas em 1953, por Monteiro Lobato e Alfredo Ferreira:

Huckleberry Finn (Ch.8)

“Have you got hairy arms and a hairy breast, Jim?”

“What’s de use to axe dat question? Don’t you see I has?”

“Well, are you rich?”

“No, but I been rich wunst, and gwyne to be rich agin. Wunst I had foteen dollars, but I tuck to speculat’n, en got busted out.”

“- E você? Tem pelo nos braços e no peito Jim? Indaguei.

- Para que perguntar? Não está vendo com os seus olhos?

- Então você é rico, Jim?

Já fui e ainda hei de ser. Já possuí quatorze dólares, mas entrei nuns negócios e perdi tudo.

Tradução de Monteiro Lobato

“Tu tens os braços e o peito cabeludo, Jim?”

Não, mas já fui rico, e ainda hei de tornar a ser. Houve tempo em que eu tive quatorze dólares. Mas me meti a especular com eles, e perdi tudo.

Tradução de Alfredo Pereira

Com base nas traduções acima, constatamos que “nenhum dos tradutores de *Huckleberry Finn* faz qualquer esforço para traduzir o inglês negro de Jim. Sua linguagem é a da classe média branca brasileira” (MILTON, 1994, p. 4).

Como pudemos observar, por exemplo, na fala de Jim: “What’s de use to axe dat question? Don’t you see I has?”, em que “de”, “axe”, “dat”, “I has”, elementos considerados do BEV, foram descaracterizados ao serem traduzidos no português padrão para “- Para que perguntar? Não está vendo com os seus olhos?”.

Constata-se que o leitor pode ser levado a crer que Jim fala a língua padrão quando não é verdade, como podemos ver na citação do original.

Assim, notamos que, no caso da obra analisada, nenhuma linguagem popular é aceita nas traduções. Tal fato é discutido por Milton (1994, p. 9):

Um fato que é comum a todas as traduções é que nenhuma aceita o português popular. Como foi visto nos exemplos acima, a linguagem de Huck, em *Huckleberry Finn*, costumava ser melhorada para o português padronizado. O mesmo acontece com o inglês negro de Jim: ele fala um português culto.

Em suas pesquisas, Sarian (2008) também apresenta algumas questões concernentes à tradução dialetal. Para tanto, parte da visão estruturalista, passando à vertente pós-estruturalista da tradução, sobretudo em seu viés político. Desta forma, a autora analisa a presença de linguagem não-padrão na literatura traduzida e o papel que as editoras exercem no momento de autorizar o uso de dialeto nos textos escritos.

Dentro desse contexto, ressaltamos estudos como o de Marins e Wielewicksi (2009), que investigam a importância de se trabalhar a tradução nas aulas de Literatura de Língua Inglesa de modo que essa prática possa ocorrer, concomitantemente, com a análise literária, desenvolvendo, em sala de aula, estratégias de leitura de traduções.

Para tanto, abordam a leitura dos alunos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Maringá com relação à obra *As aventuras de Huckleberry Finn*, traduzida por Monteiro Lobato e originalmente escrita por Mark Twain (*The adventures of Huckleberry Finn*). Os autores limitam-se no estudo das práticas tradutórias e não aprofundam quanto à questão da tradução dialetal enquanto foco. Os questionários das pessoas entrevistadas apontam que não são apresentados exemplos das falas de Jim, nem sequer trazem exemplos das comparações.

Logo no início do livro *The adventures of Huckleberry Finn*, Mark Twain traz uma nota explicativa ao leitor alertando quanto ao uso de vários dialetos com o intuito de registrar as formas diferenciadas em relação às variações de fala:

In this book a number of dialects are used, to wit: the Missouri negro dialect; the extremest form of the backwoods Southwestern dialect; the ordinary “Pike County” dialect; and four modified varieties of this last. The shadings have not been done in a haphazard fashion, or by guesswork; but painstakingly, and with the trustworthy guidance and support of personal familiarity with these several forms of speech. I make this explanation for the reason that without it many readers would suppose that all these characters were trying to talk alike and not succeeding. (TWIN, 1959, p. 10).

No entanto, na obra traduzida para a língua portuguesa, não encontramos tal nota explicativa, o que nos leva a hipotetizar que essas variantes não foram consideradas.

Com base no exposto, verificamos que a variação linguística, mais precisamente, a forma não padrão, não foi abordada, o que evidencia o preconceito linguístico. Contudo, os estudos mencionados contribuirão para o arcabouço teórico, pois apresentam aspectos relevantes ao campo da tradução literária.

Metodologia

A pesquisa, de cunho bibliográfico, adota as análises quantitativa e qualitativa a fim de delinear os dados coletados, que são dispostos em tabelas comparativas para posterior análise qualitativa.

Os dados coletados serão analisados com base na fundamentação teórica adotada, considerando as formas padrão, não padrão e as variações linguísticas, em especial a fala dialetal de Jim.

Analisar o dialeto de Jim em sua totalidade é muito complexo e extenso, assim, optamos por selecionar algumas características na fala dele como a substituição de “d” no lugar do “th”: dey / they. Também coletamos exemplos da negativa que aparece com o uso do *ain't* e *ain'*, outro traço do BEV nas falas coletadas.

A análise versou na comprovação de um dialeto existente, que, contudo, não foi retratado na tradução para a língua portuguesa. Pelo contrário, observamos a supressão deste, o que pode ser interpretado como forma de preconceito linguístico como nos alerta Bagno (2007) que salienta a adoção da norma padrão e da gramática normativa como forma de prestígio da língua portuguesa.

Características do dialeto afro-americano presentes na obra

Neste trabalho, faz-se mister apresentar algumas características da variação dialetal apresentada na obra analisada a fim de podermos ter um parâmetro de comparação linguística a ser aplicado na tradução para a língua portuguesa.

O Dialeto Negro de Missouri vem dos anos 1800. Na história, apresenta-se nas falas de um escravo fugitivo, o personagem Jim. Foi usado, majoritariamente, por escravos e era perpetuado pela linguagem oral. O dialeto tem algumas abreviaturas comuns, como palavras não terminadas, ou seja, não usando a palavra inteira e/ou não usando o começo de cada palavra, tais como: "Ag'n", "Doan" e "uz", que são alguns exemplos.

Consideramos pertinente apresentar algumas características do *Black English Vernacular*, em especial, as que aparecem nas falas do personagem selecionado, o negro Jim. Antes, porém, conceituamos a variante BEV.

Nosso estudo sobre o BEV parte da explicação que Labov (1972, p. xiii, tradução nossa) apresenta:

[...] por *Black English Vernacular* (BEV) nós nos referimos ao dialeto relativamente uniforme falado pela maioria da juventude negra em muitas partes dos Estados Unidos hoje, especialmente nas áreas da cidade interna de New York, Boston, Detroit, Filadélfia, Cleveland, Chicago, St. Louis, San Francisco, Los Angeles, e outros centros urbanos. Também é falado na maioria de áreas rurais e usado no discurso ocasional, íntimo de muitos adultos¹.

Ressaltamos o que Labov pesquisou sobre o dialeto, relativamente uniforme, falado pela maioria da juventude negra em muitas partes dos Estados Unidos, hoje, especialmente nas áreas centrais de Nova Iorque, Boston, Detroit, Filadélfia, Cleveland, Chicago, St. Louis, San Francisco, Los Angeles e outros centros urbanos. Também falado em muitas áreas rurais e usado no discurso ocasional, íntimo de muitos adultos.

Como entender o dialeto usado por Jim na obra?

A fim de respondermos à problemática, procuramos mais especificamente artigos nos quais os autores sugerem formas de compreender a fala de Jim.

Dentre eles, citamos Southard (1993) que ressalta a razão pela qual Twain utilizou os vários dialetos e a necessidade de fazê-los presentes na literatura como forma de registrar a língua falada pelos personagens. Assim, de acordo com Southard, a intenção de Twain, ao empregar os diversos dialetos, foi de registrar a língua falada de seus personagens como forma de identificar suas personalidades.

Selecionamos as falas do personagem Jim por entendermos que ele utiliza a variante BEV em seu discurso e também por ser a fala mais complexa, em relação ao entendimento, comparada ao inglês padrão.

Southard (1993, p. 633) salienta que o discurso de Jim apresenta várias formas de escrita não-padrão a fim de indicar características específicas de pronúncia, diferentes de outras variedades do Inglês Americano. Contudo, a autora afirma que o aluno pode aprender a regra de escrita adotada por Twain a fim de facilitar a compreensão do dialeto de Jim.

A seguir, relacionamos algumas das formas apresentadas pela autora:

- o apagamento de certas consoantes: *rnawniri* (*morning*), *whah* (*where*), *heah* (*here*), *mo'* (*more*) *with struck, truck, right, raf*;
- uma consoante final é apagada quando precedida por outra consoante: *faz'*, *las*, *Ian, raf, en with landed, 'fraid, quiet, wait*;
- o apagamento das sílabas iniciais não tônicas: *'fraid, 'sturb, 'rnongst*;
- o uso do "completive aspect": *she done broke down*;
- substituição de "d" no lugar do "th": *dey / they*;

¹ [...] by the Black English Vernacular (BEV) we mean the relatively uniform dialect spoken by the majority of black youth in most parts of the United States today, especially in the inner city areas of New York, Boston, Detroit, Philadelphia, Cleveland, Chicago, St. Louis, San Francisco, Los Angeles, and other urban centers. It is also spoken in most rural areas and used in the casual, intimate speech of many adults.

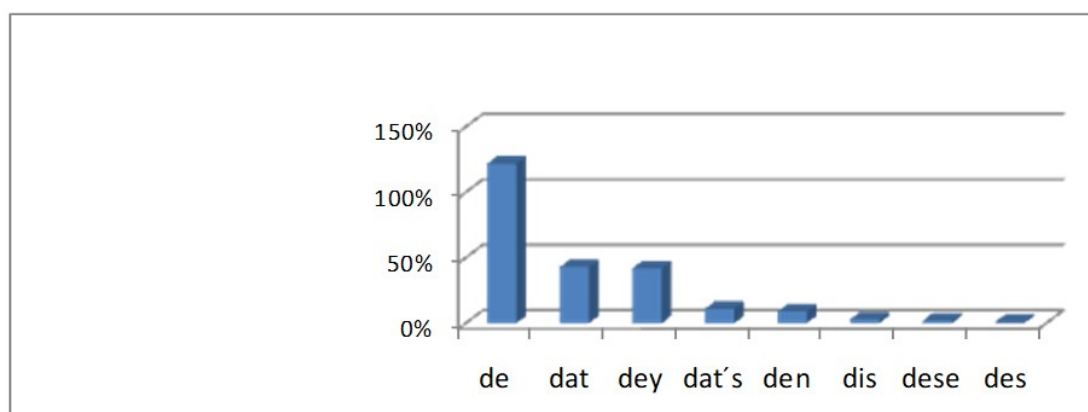
- conjugação dos verbos de outros pronomes da mesma forma que a conjugação da terceira pessoa do singular: We is; I knows, We does, I says, I has, you is, is you.

Em nossa pesquisa, selecionamos algumas das formas acima e analisamos como aparecem na obra original em inglês e na obra traduzida para a língua portuguesa. Observamos aqui a confirmação do que Bagno (2007) apresenta sobre o mito de que é necessário saber gramática para falar e escrever bem.

Análise dos dados coletados

Na análise, apresentaremos, por meio de gráficos, a ocorrência de alguns traços do BEV na obra original em inglês. Posteriormente, faremos uma comparação com a obra traduzida para a língua portuguesa.

Gráfico 1. Substituição de “d” por “th”



No Gráfico 1, observamos a ocorrência de vários termos em que o “th” aparece substituído por “d”. Acreditamos que a leitura se torna mais fácil e compreensível após o conhecimento de todos os termos. O que teve maior ocorrência foi “de”, que corresponde a “the” no inglês padrão. Em seguida, temos “dey” correspondendo à “they”. Notamos que a pronúncia “d” difere do inglês padrão “th”.

Todas as substituições elencadas acima não aparecem marcadas de forma diferenciada na obra traduzida para a língua portuguesa, como podemos notar em alguns exemplos abaixo:

Quadro 1. Comparação da substituição de “d” no lugar de “th” na obra original em inglês com a obra traduzida para a língua portuguesa

Termo	Variante BEV na obra em inglês	Forma grafada na obra em português
dey	“Well, <i>dey's</i> reasons. But you wouldn' tell on me ef I uz to tell you, would you, Huck?” (p. 50)	“-Você não vai contar a ninguém, se eu lhe disser?” (p. 44)
de	“What's <i>de</i> use er makin' up <i>de</i> camp fire to cook strawbries en sich truck? But you got a gun, hain't you? Den we kin git sumfn better <i>den</i> strawbries.” (p. 49)	“- Não adianta acender fogueira para cozinhar estas porcarias de morangos – disse ele.” (p. 44)

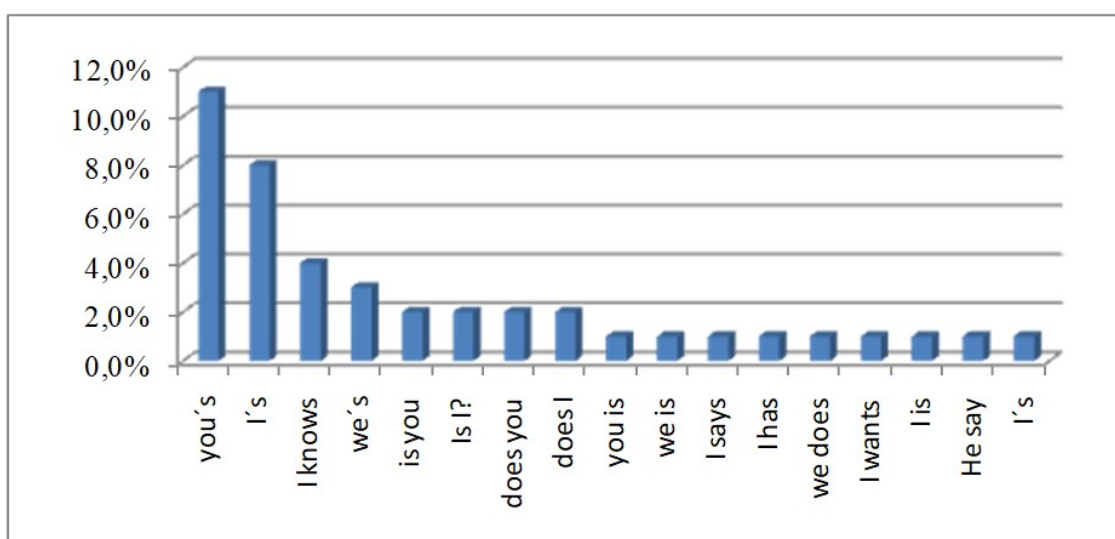
(continua)

Termo	Variante BEV na obra em inglês	Forma grafada na obra em português
Dat's	“No! W’y, what has you lived on? But you got a gun. Oh, yes, you got a gun. <i>Dat’s</i> good. Now you kill sumfn en I’ll make up <i>de</i> fire.” (p.49)	“Mas, já que você tem uma espingarda, vamos tentar arranjar alguma coisa melhor do que morango!” (p. 44)
Dat	“But looky here, Huck, who wuz it <i>dat</i> ‘uz killed in <i>dat</i> shanty ef it warn’t you?” (p. 50)	“-Então, Huck – disse Jim, depois de algum tempo – quem foi, afinal, que mataram naquela cabana, já que não foi você?” (p. 44)

No Quadro 1, apresentamos a comparação da substituição de “d” no lugar de “th” na obra original em inglês com a obra traduzida para a língua portuguesa, o que mostra que a fala dialetal característica de Jim na obra original em inglês foi retratada apenas na forma padrão.

Outro item escolhido para analisarmos foi a conjugação dos verbos de outros pronomes da mesma forma que a conjugação da terceira pessoa do singular. Fizemos uma seleção no livro em inglês e observamos suas formas, conforme dispostas no gráfico abaixo: We is, I knows, We does, I says, I has, you is, is you.

Gráfico 2. Conjugação de verbos no *Black English Vernacular*



No Gráfico 2, mostramos os resultados das variações referentes à conjugação de alguns verbos, mais especificamente, referente à regra da terceira pessoa do singular na qual os pronomes: “you”, “I”, “we” são conjugados da mesma forma que o pronome da terceira pessoa do singular. No entanto, temos “he say” que é pronome da terceira pessoa do singular e que não segue a regra expressa no inglês padrão.

Exibiremos, agora, alguns trechos, nas duas versões, inglês e português, a fim de estabelecermos uma comparação entre as duas obras, na língua inglesa e sua respectiva tradução para a língua portuguesa a fim de verificar se, na tradução para a língua

portuguesa, aparece a forma dialetal que aparece na conjugação dos verbos ou se o tradutor opta por uma forma mais padronizada da língua portuguesa.

Quadro 2. Comparação da conjugação dos pronomes

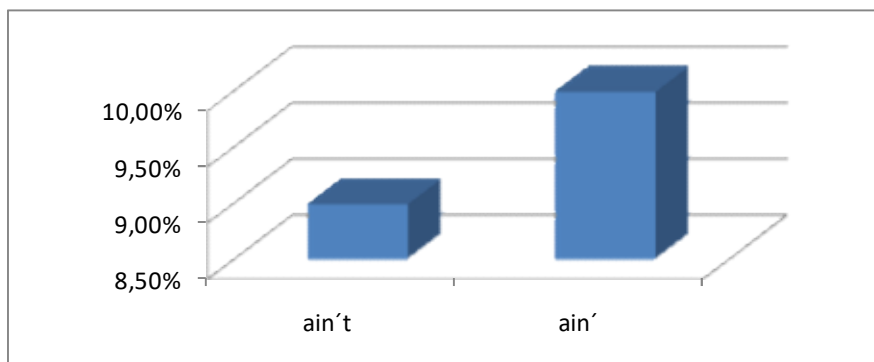
Termo	Variante BEV na obra em inglês	Forma grafada na obra em português
you's	"Pooty soon I'll be a-shout'n' for joy, en I'll say, it's all on accounts o' Huck; I's a free man, en I couldn't ever ben free ef it hadn' ben for Huck; Huck done it. Jim won't ever forgit you, Huck; <i>you's de bes' fren' Jim's</i> ever had; en <i>you's de only fren' ole Jim's</i> got now." (p. 93)	"- Dentro em pouco, vou dançar de alegria e gritar, que graças ao Huck fiquei livre. Não fosse Huck, não teria conseguido. Huck foi sempre o melhor amigo de Jim e agora é o único." (p. 78)
I's	"Yes; en <i>I's</i> rich now, come to look at it. I owns mysef, en <i>I's</i> wuth eight hund'd dollars. I wisht I had <i>de</i> money, I wouldn' want no mo'." (p. 54)	"- Já sou rico – contestou ele – contestou ele. – Sou dono de mim mesmo e valho oitocentos dólares. Ah! Se eu tivesse esse dinheiro, não queria mais nada." (p. 46)
We's	"I doan' want to go fool'n' 'longer no wrack. <i>We's</i> doin' blame' well, en we better let blame' well alone, as <i>de</i> good book says. Like as not <i>dey's</i> a watchman on <i>dat</i> wrack." (p. 72)	"- Não acho bom – argumentou ele. – É capaz de haver um guarda lá dentro." (p. 60)
Is you?	"Say, who <i>is you?</i> Whar <i>is you?</i> Dog my cats ef I didn' hear sumf 'n. Well, I know what <i>I's</i> gwyne to do: <i>I's</i> gwyne to set down here and listen tell I hears it agin." (p. 15)	"- Quem é? – repetiu Jim, algum tempo depois. Quero ser mico de circo se não ouvi um barulho. Já sei; vou ficar sentado aqui, até ouvir de novo." (p. 13)
Is I?	"Well, looky here, boss, <i>dey's</i> sumf 'n wrong, <i>dey</i> is. Is I <i>me</i> , or who <i>is I?</i> Is I heah, or whah <i>is I?</i> Now <i>dat's</i> what I wants to know." (p. 88)	"- Vejamos. Preciso entender. Sou eu, não sou eu?! Estou aqui, não estou?! Eis o que quero saber." (p. 75)
Does I?	"How <i>does I</i> talk wild?" (p. 88)	"- Confusão? – perguntou o negro assombrado." (p. 75)
I has	"What's de use to ax <i>dat</i> question? Don't you see <i>I has?</i> " (p. 53)	"-Para que perguntar; não está vendo?" (p. 46)
He say	"Laws bless you, chile, I 'uz right down sho' you's dead agin. Jack's been heah; <i>he say</i> he reck'n you's ben shot, kase you didn' come home no mo'; so <i>I's</i> jes' <i>dis</i> minute a startin' <i>de</i> raf ' down towards <i>de</i> mouf er <i>de</i> crick, so's to be all ready for to shove out en leave soon as Jack comes agin en tells me for certain you IS dead. Lawsy, <i>I's</i> mighty glad to git you back again, honey." (p. 118)	"- Deus o abençoe, meu filho. Estava pensando que você tinha morrido. Jack me disse que isso era muito provável, pois você não voltara para casa." (p. 96)

Observamos, no Quadro 2, que a tradução para a língua portuguesa não tem qualquer tipo de registro que marque a diferença de conjugação dos pronomes de forma

a identificar as falas de Jim como forma dialetal. Pelo contrário, o tradutor opta pela forma padronizada da língua portuguesa.

Outro aspecto a ser abordado é o uso da negativa por meio de: *ain't* e *ain'*:

Gráfico 3. Uso da negativa “ain't” e “ain'”



Observamos, no Gráfico 3, que o uso da negativa *ain'* predomina sobre *ain't*, algumas vezes com dupla negativa. Com base em outros exemplos, cremos que é uma tendência da variante abreviar a fala, por isso a primeira forma prevalece sobre a outra.

Na sequência, exibiremos alguns trechos em que as negativas aparecem na obra original em inglês e na tradução para a língua portuguesa.

Quadro 3. Comparação da negativa na variante BEV na obra original em inglês com a obra traduzida para a língua portuguesa

Termo	Variante BEV na obra em inglês	Forma grafada na obra em português
ain't	“Mighty few—an' <i>dey</i> ain't no use to a body. What you want to know when good luck's a-comin' for? Want to keep it off?” (p. 52-53)	“- Muito poucas. Interessa saber quando vai acontecer alguma coisa boa? A gente pode, sem querer, afastá-la.” (p. 46)
ain'	“Dat's good! But he'll be pooty lonesome— <i>dey ain'</i> no kings here, is <i>dey</i> , Huck?” (p. 84)	“- Fez bem. Mas deve estar muito sozinho. Aqui não estavam precisando de nenhum rei, não é mesmo, Huck?” (p. 72)

No Quadro 3, notamos que as formas da negativa representadas por *ain't* e por *ain'* não estão registradas de forma diferenciada na obra traduzida para a língua portuguesa. Assim, a variação linguística não foi considerada novamente pelo tradutor.

Com base nos dados coletados e na fundamentação teórica adotada, buscamos agora apontar os efeitos que o emprego da linguagem padrão produziu nessas traduções. De fato, observamos que a escolha do tradutor em adotar a norma culta em detrimento da forma dialetal pode influenciar a compreensão do leitor no sentido de não relacionar a fala dialetal com a personagem, ou seja, a língua relacionada à identidade cultural, como expõe Hall (2002) que a forma como o sujeito é representado causa um efeito de identificação com a personagem. Neste caso, consideramos que houve uma perda no sentido de que esta é apagada do contexto, então acreditamos que a identidade do personagem Jim na obra em questão também é negada ao ser omitida.

Considerações finais

Neste estudo, não nos comprometemos a um levantamento exaustivo de todos os aspectos que relacionam a tradução e a sociolinguística, mas priorizamos alguns tópicos. Tivemos por objetivo analisar de forma comparativa a obra original em inglês, do autor Mark Twain, e a sua respectiva tradução, *As aventuras de Huckleberry Finn*, feita para a língua portuguesa por Monteiro Lobato.

De acordo com os autores abordados, a forma padrão é priorizada em relação à linguagem dialetal ao ser traduzida da língua inglesa para a língua portuguesa. Assim, essa atitude remete a um questionamento em relação ao papel que a forma dialetal assume na tradução dos clássicos e que é negada, ou seja, apagada pelo tradutor.

Com base em pesquisas anteriores, pudemos constatar que a variação dialetal não aparece na língua portuguesa, pelo contrário, prioriza-se uma linguagem padrão. Assim, a análise dos dados apresentados comprova o que Bagno (2007) afirma sobre o preconceito linguístico em adotar as variações linguísticas em prol da norma-padrão e o que Milton (1994) apresenta sobre o apagamento das falas dialetais e o uso da norma-padrão em casos de personagens de falas dialetais.

Dessa maneira, nosso estudo visa a contribuir com alguns aspectos da fala de Jim, os quais apresentam características do *Black English Vernacular* e que não são reproduzidas de forma alguma na tradução para a língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- FARACO, C. A. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. Organização de Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Educação Linguística; 11).
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: Pennsylvania Press, 1972.
- LAVOIE, J. Problèmes de traduction du vernaculaire noir américain: le cas de *The Adventures of Huckleberry Finn*. *TTR*, Montréal, v. 7, n. 2, p. 115-144, 1994. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/037183ar>>. Acesso em: 05 jun. 2016.
- MARINS, L. C.; WIELEWICKI, V. H. G. Literatura traduzida e formação do leitor: a recepção de *As aventuras de Huckleberry Finn*, Mark Twain, traduzida por Monteiro Lobato. *Acta Scientiarum Language and Culture*. Maringá, v. 31, n. 1, p. 15-21, 2009. Disponível em: <<http://www.actascilangcult.v3>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

MILTON, J. A tradução de romances “clássicos” do inglês para o português do Brasil. *Trab. Ling. Apl.*, Campinas, n. 24, p. 19-33, jul./dez., 1994.

SARIAN, M. C. A Linguagem não-padrão na literatura traduzida: teorias e políticas sob análise. *Revista Ecos*, n. 7, p. 69-74, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/971>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

SOUTHARD, B. Source Blame it on Twain: Reading American Dialects in "The Adventures of Huckleberry Finn". *Journal of Reading*, v. 36, n. 8, p. 630-634, may, 1993. Published by: International Reading Association Stable. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40033380>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TWAIN, M. *The adventures of Huckleberry Finn: Tom Sawyer's comrade*. New York: The New American Library, 1959.

_____. *Aventuras de Huck*. Tradução de Monteiro Lobato. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

Recebido em: 04/09/2016

Aprovado em: 03/05/2017